ONOMÁSTICA INDÍGENA CEARENSE

T. POMPEU SOBRINHO

I

Considerações gerais. A onomástica indígena do Ceará

Origens e migrações pré-históricas

1 — A relação devidamente comentada das expressões indígenas em uso atual no Ceará ou que já tenham desaparecido do nosso habitual falar ainda não mereceu acabada atenção dos eruditos que se têm dedicado aos estudos das cousas cearenses, mesmo daqueles que mais estimam os empolgantes assuntos relacionados com a geografia, a história e a antropologia desta terra. A matéria com que se constitui tem sido tratada fragmentàriamente por alguns poucos estudiosos; está, pois, pedindo conveniente desenvolvimento e adequada sistematização. Acha-se disseminada numa infinidade de publicações, cada dia mais difíceis de consultar. Um trabalho de maiores proporções requer, além disto, bem orientada pesquisa de campo para completar e compor convenientemente o que se torne possível organizar com o grande acervo de material, desordenadamente acumulado. No domínio toponímico o autor dêste papel, o Dr. Florival Seraine e poucos outros mais modestamente têm trabalhado com um

certo afinco, mas a questão, como vimos de compreender aqui, continua ainda muito longe de alcançar regular apreciação. As investigações no setor antroponímico foram abordadas bem mais escassamente e quase ùnicamente pelo Dr. Seraine. Sôbre a primeira especialidade (toponímica) e também no que se refere à cultura geral, o único trabalho publicado, ao que nos consta, é o do Dr. Paulino Nogueira, sob o título de **Vocabulário Indígena** em uso na Província do Ceará. Fêz parte do 1.º volume (Tomo I) da **Revista Trimestral do Instituto do Ceará**. Já, com mais de 70 anos, reclama atualização. Representa um esfôrço meritoso e muito bem elaborado para a sua época. O Dr. Nogueira não incluiu no seu trabalho nada referente à antroponímica e muito pouco o fêz quanto à etnonímia. Foi relativamente assaz generoso no versar a fitonímia e bastante modesto na zoonímia.

Na obra que aqui vimos de esboçar procura-se completar aquêles setores e sobretudo enfatizar o que se refere pròpriamente à cultura material e espiritual.

O remanescente indígena neste departamento do nosso falar vai aos poucos se apagando, ante os esforços da atual orientação no sentido de apurar a cultura. Isto se observa especialmente nos meios urbanos, sobretudo nesta capital, depois das atividades da Universidade. Todavia, ainda não é despiciendo tentar uma recuperação lógica contra o avançado desgate, de certo modo, tem reagido o curioso gôsto pelas pesquisas e fatos folclóricos, tão em moda nestes últimos tempos em todo o País. Cabe-nos apurar o que nesse particular ainda é corrente e, na medida do possível, examinar o que foi nos tempos passados, até onde os registros o consignaram. Assim considerado, o material é copioso.

* * *

2 — Os primitivos habitantes do território cearense estão pràticamente extintos, mas todos os grupos deixaram na constituição dos neobrasileiros, que lhe sucederam, uma pon-

derável porção das suas características étnicas; no cérebro idéias sentimentos e superstições de uma civilização rudimentar, e nos costumes e modo de vida, elementos valiosos de sua cultura material, então em muitos setores bem ajustada ao meio geográfico. Quase todos os aspectos da cultura indígena que sobrevivem estão impressos na linguagem dos cearenses. O leitor, ao fechar a última página dêste escrito, estará provàvelmente convencido da importância desta herança que, por ser bárbara, não nos desmerece, pois, depois de haver valiosamente nos ajudado no longo processo do nosso ajustamento ao meio físico, parcialmente ainda nos serve sob vários e interessantes aspectos.

Dizer, em rápido escôrço, o que fôra essa extinta gente ameríncola parece essencial ao objetivo dêste trabalho. Evidentemente, não parece perdido esfôrço respigar algumas notas informativas a respeito das origens dos nossos selvagens e dos caminhos que percorreram desde as áreas de sua formação étnico-cultural até o debordarem os lindes do atual território cearense. Efetivamente, isto há de permitir explicar vários fatos interessantes, como, por exemplo, a coincidência de topônimos, etnônimos etc. desta região com os de paragens muito distantes dentro ou mesmo fora do País. Por outro lado, também deve facilitar a interpretação etnológica de algumas expressões, a simultaneidade de costumes e de outros elementos etnográficos em lugares bem diversos do Continente.

* * *

3 — Antes que novos fatos surjam capazes de modificar as idéias atuais que norteiam a história do primitivo povoamento dêste Continente (1), o que não parece muito provável, teremos de admitir: a) que o homem são é autóctone na América; b) que o povoamento desta parte do mundo se fêz a custo de imigrações oriundas do Velho Continente no período aproximado de 30 a 2 milênios a. C.; c) que as duas primeiras

(1) Ver "Pré-História Cearense" (1955)

correntes de invasores saíram da Sibéria e transpuseram o estreito de Bering; d) que êstes imigrantes eram paleolíticos, caçadores primitivos, de economia coletora, sem outras armas do que lanças longas e de arremêço, sendo porém os últimos possuidores do propulsor, do machado de mão, e provàvelmente já fabricavam trançados de palha e cestos; e) que, quanto à sua etnia, eram de estatura elevada, dolicocéfalos, do tipo australóide ou parassiberiano; f) a terceira corrente de invasores, também oriunda da Sibéria, conduzida por tôscas embarcações, alcançou a América, pelo menos em grande parte, através da fileira das ilhas Aleutinas; g) tratava-se de gente do tipo mongolóide, estatura média, dolicocefalia moderada, com cultura já francamente mesolítica, vida particularmente marinha, casa semi-subterrânea, artefatos de ossos e cão doméstico; h) alcançando o Continente, perlongaram-no êstes mesolíticos pela costa do Pacífico, aqui e ali entrando em contacto com os seus broncos antecessores; i) assim, ocorreu a miscigenação mais expressiva para modificar a estrutura somática dos seus descendentes; j) as duas últimas correntes de invasores chegaram por via marítima (Pacífico); l) a quarta proveio do sudoeste da Ásia e processou-se entre o 7.º e 5.º milênio a.C., e, ao longo das costas asiáticas da China e do Japão provàvelmente, alcançou as praias americanas, descendo pela costa nas suas precárias embarcações até a região central **do Continente, do sul do México, a Colômbia (istmo do Panamá)**; m) compunham estas levas sucessivas gente de baixa estatura, braquicéfala e mesorrina, do tipo mongolóide, e traziam já uma cultura tìpicamente neolítica, com agricultura, cerâmica e tecidos, navegação com balsas e canoas monoxilas, usando arco, flecha, zarabatana e também propulsor, artefatos líticos bem polidos, casas e aldeias. No domínio espiritual êsses neolíticos introduziram no continente a cabeça-troféu, animismo moderado, shamanismo e o canibalismo ritual. Seus representantes foram grandes construtores de **monds** e exímios navegadores fluviais; n) a quinta corrente, de imigrantes, pelo número reduzido de seus elementos humanos, não teria tido

o caráter pròpriamente invasor; o) proviera da Polinésia no 3.º e 2.º milênio a.C e chegara através do oceano Pacífico em jangadas, alcançando as costas N.W. da América do Sul; a sua penetração continental foi muito reduzida e no povoamento primitivo do Brasil foi inapreciável, e absolutamente negativo no Nordeste e muito particularmente no Ceará. Não passara pràticamente além dos Andes; eram os componentes desta corrente indivíduos de baixa estatura, braquicéfalos, de tipo mongolóide, com algumas alterações de origem oceânica; p) sua influência étnica foi muito reduzida, mas, como portadores de uma alta cultura, sua importância foi enorme; q) na miscigenação com os mesolíticos praianos, neolíticos da cordilheira, como êles mongolóides, e mais particularmente com os antigos remanescentes paleolíticos, não só resultou num tipo étnico característico como num desenvolvimento cultural admirável; r) foram os criadores dos grandes impérios andinos e mexicanos.

* * *

4 — A influência dêstes polinesianos e seus descendentes no povoamento do Brasil foi insignificante e pràticamente nula na região nordestina da América do Sul.

Os descendentes das duas primeiras correntes, já num estado de intercruzamento mas com a franca predominância australóide, quando chegaram ao coração da América do Sul, descendo ao longo da cordilheira andina, prosseguiram em grande parte para o sul, deixando numerosos e interessantes núcleos na montanha, bem como nas altas planícies próximas, tanto a leste como a oeste; deram assim origem a três tipos raciais relativamente bem definidos. Com positivos caracteres primitivos, relacionados com as velhas formações australóides eram sem dúvida gente do mais baixo estilo cultural.

Presume-se que o mais antigo dêstes tipos fôra o conhecido por Láguido. A estrutura desta parcela étnica começou a se processar particularmente nos altiplanos que apoiam a

cordilheira do lado oriental, aproximadamente entre os paralelos 15° e 20° de latitude sul, talvez também um pouco mais ao norte numa larga faixa entre as cabeceiras dos rios Paraguai e alto-Amazonas. A partir dos sopés dos Andes, o processo continuou normalmente, vindo a sua plena realização ter lugar perto da parte ocidental do planalto.

Os principais caracteres físicos dos Láguidos são: o crânio francamente dolicóide, com índice horizontal médio de 72 (caixa craniana) e 75 no vivo; e o índice de altura médio de 87; arcos superciliares bem pronunciados; nariz largo com índice de 51; estatura, de média a baixa, um pouco superior nos homens (cêrca de 160 cm) e inferior nas mulheres com apenas 153.

Daquela área de formação a dispersão desta gente primitiva operou-se com plena liberdade, principalmente no sentido geral de leste, e conseguiu cobrir uma enorme área da América tropical e subtropical ao sul do Equador, por êles encontrada virgem, sem nenhum obstáculo de origem humana. Parece certo que, primitivamente, contingentes importantes dirigiram-se para o norte, por entre alguns dos grandes afluentes meridionais do rio Amazonas, enquants outros derivavam para o sul indo ter às regiões platinas (Argentina). A dispersão para leste levou-os às margens do Atlântico, numa grande extensão.

Não se conhece a área máxima desta dispersão e é possível que jamais se consiga em vista da exigüidade de vestígios da cultura tão rudimentar daqueles paleolíticos. Crê-se que seria enorme, pois a difusão apenas encontrava obstáculos nas barreiras naturais, nos grandes rios invadeáveis, nas grandes e portentosas florestas do norte, nos frios do extremo-sul do Continente e poucas outras. É de supor-se que a sua retração e alguma forçada orientação só teriam ocorrido com a difusão dos elementos da 4.ª corrente imigratória, aí pelo 5.º e 4.º milênio a.C.

A área conhecida atualmente ocupada já é muito inferior àquela que no primeiro ou segundo século do descobrimento da América fôra efetiva. Podemos fazer uma idéia da

sua extensão, ainda considerável, em vista da que é hoje conhecida e de alguns documentos históricos.

Acredita-se que êste povo começou a descer o planalto em vários pontos, seguindo diferentes direções, mas que as primeiras, mais antigas, talvez as principais levas teriam caminhado por entre as cabeceiras dos rios Araguaia e Tocantins ao norte e Paraná ao sul, logo alcançando a vertente ocidental do rio São Francisco, onde se teriam dividido em dois ramos. Um dêstes seguiu para o sul ou sudeste, ganhando as cabeceiras do Paraná e do São Francisco (Rio de Janeiro, Espírito Santo) e, pelas vertentes dos rios que fazem a drenagem dêste trecho do Brasil centro-leste, caminhando para o norte até às margens meridionais do baixo São Francisco (Bahia e Sergipe). Parte dêste ramo, ao que parece, continuou para o sul; teria ido compor as antigas populações láguidas de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai. O outro grande ramo teria subido para o norte, por entre as vertentes orientais do rio Tocantins e as ocidentais do rio São Francisco, indo ocupar as savanas do Maranhão e Piauí; um sub-ramo teria entrado pelas cabeceiras do rio Parnaíba e dos afluentes da vertente do São Francisco e alcançado todo o território entre os cursos dêste rio e o do Parnaíba (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Parnaíba e Pernambuco). Uma das principais famílias que aí se instalaram é a dos Tarairiús (ver êste verbete no texto da **Onomástica**).

Está claro que tais levas, num ou noutros pontos, bem poderiam encontrar outros representantes láguidos que, em certos lugares, em virtude de circunstâncias especiais, teriam conseguido transpor os grandes cursos d'água, que eram os obstáculos mais sérios nas suas migrações, visto como não possuíam navegação fluvial e eram péssimos nadadores.

Os Láguidos, no curso dos séculos, nuns ou noutros recantos de suas peregrinações continentais encontraram certas condições que facilitaram sua diferenciação em subtipos ou famílias etnoculturais. A princípio esta heterogênese tinha cunho exclusivamente bioétnico, geográfico ou biológico, em

face de um isolamento por longo tempo. Mais tarde outros fatôres entraram em jôgo, sendo dos principais os contactos expressivos e a relativa miscigenação com outros grupos eventualmente encontradiços.

As famílias línguoculturais em que se dividem os Láguidos, até o presente conhecidas, são:

1) Gê
2) Botocudo
3) Patachó
4) Machacoli
5) Coroado
6) Camacã
7) Caingang
8) Nambiquara
9) Opaié
10) Tarairiú
11) Fulniô

Por sua vez, como êstes grupos etnoculturais se podem apresentar muito extensos, dão lugar a subgrupos mais ou menos numerosos, as subfamílias. Na discriminação dêstes grupos secundários os caracteres mais salientes são de ordem cultural, à testa dos quais importam-se colocar os dialetos.

O estudo dos processos de esgalhamento das famílias láguidas em subfamílias, e o daquelas, a partir do falar próprio do tipo étnico, oferecem grande interêsse para esta **Onomástica,** por isto que nos podem trazer muitos esclarecimentos a respeito dos nomes raciais e culturais relativamente aos mais numerosos e antigos habitantes pré-históricos do território cearense.

* * *

5 — Os Láguidos ocuparam todo o território cearense e os dos estados vizinhos, mas sem grande densidade por falta de condições para isto; formavam uma população bem caracterizada, vivendo especialmente da caça e colheita de mel e tubérculos comestíveis; subdivididos estavam em algumas famílias étnicas e numerosas subfamílias. Isto teria ocorrido do 7.º ou 6.º ao 4.º milênio antedata.

Sensìvelmente um pouco antes do 4.º milênio ou no curso dêste chegavam às costas cearenses um outro tipo étnico, muito diferente do primitivo. Eram os aborígines conhecidos por **Teremembés** ou **Tremembés,** oriundos, ao que parece, de velhos mesolíticos asiáticos. Constituíam ao tempo da descoberta do Brasil, ao que supomos, os restos de um tipo étnico, provàvelmente formado em algum lugar do litoral do sul, onde talvez tenha deixado vestígios materiais, mas que resta ainda sem nenhuma referência positiva ou lembrança, salvo raras alusões, a expressão homônima encontrada em São Paulo, na região de Taubaté. Esta ausência de ligação dos Tremembés (cearenses e paulistas) é sem dúvida natural; não é de estranhar porque o fato, se aconteceu realmente, deu-se muitos anos antes do descobrimento de Cabral; estaria nesse tempo já riscado da memória dos íncolas locais.

Se a nossa hipótese sôbre a origem dos Tremembés é verdadeira, torna-se interessante algo conhecer a respeito da cultura daqueles mesolíticos ao pisarem o solo americano e sua evolução até o presente. Isto, aliás, não é tarefa fácil em frente das tremendas vicissitudes por que passara êste povo na sua estranha peregrinação ao longo de tão extenso litoral, todo o do Pacífico americano e enorme porção do Atlântico. O tempo durante o qual isto teria ocorrido, a variedade de aspectos geográficos que teria experimentado e as inúmeras circunstâncias criadas pelos contactos com os homens das duas primeiras correntes não poderão deixar dúvidas quanto às modificações somáticas dos pioneiros e daquela cultura primitiva, sobretudo no que havia de menos profundo. Teria isto igualmente concorrido para explicar as numerosas interrupções vestigiais na cadeia litorânea da influência característica dos mesolíticos, e mais do que tudo o isolamento dos Tremembés e porventura dos Muras, supostos remanescentes daqueles no rio Amazonas. Há naturalmente entre os mesolíticos referidos e os Tremembés algumas discrepâncias somáticas e culturais, que ao nosso ver não chegam a invalidar a hipótese, mas não obstante justificam a existência de um tipo étnico, além dos referidos pelos au-

tores mencionados. Daí, o tipo que denominamos de Nordéstido, compreendendo os Tremembés e Muras.

A derrota mesolítica pelas costas do Pacífico e provàvelmente também pelas do Atlântico foi realizada por etapas e nem por tôda parte esta gente se fixava ou deixava sinais sólidos da sua passagem. Entretanto, vestígios positivos ficaram em certos lugares, relacionados em vista de algumas vantagens em concordância com o seu especial modo de vida. Depois de um duradouro estacionamento na costa Noroeste, primeira estação em terra americana, os mesolíticos resolveram perlongar o litoral para o sul; passaram pela Califórnia e apenas deixaram inequívocos vestígios na parte sul, a baixa-Califórnia. Pensa-se que os índios Waicuris e Pericues são ali os seus remanescentes nos nossos dias. Numa enorme extensão de costas que se segue até o Peru e Chile não se encontraram ainda sinais indiscutíveis de sua passagem. Mas nas costas dêstes dois países êles surgiram significativamente (sambaquis, objetos líticos, anzóis e certa população de pescadores suficientemente aberrantes da comum).

No sul do Chile, os Fueguidos, como demonstrou Imbelloni, eram de estirpe mesolítica e "ocupavam outrora considerável extensão da costa meridional da Patagônia oriental e ocidental". Os vestígios por ali encontrados por Vignati (1927) e outros investigadores, especialmente constantes de sambaquis, com restos de moluscos, ossos de mamíferos, como do lôbo-marinho, e outros objetos, são característicos. Foram também achados outros sinais ainda mais expressivos: arpões monodentados, a cabana semi-subterrânea e objetos de osso, bolas de pedras e, o que parece mais significativo, restos de canoas, por isto que essa gente era particularmente pescadora do mar, cousa estranha aos descendentes dos paleolíticos.

Além dos elementos já referidos, os mesolíticos americanos usavam máscaras representando espíritos, fabricavam cêstos de palha que bem calafetados podiam conter água. Desta maneira aqueciam pedras, ordinàriamente esferóides e jogavam-nas na água daqueles recipientes, obtendo assim líquidos

aquecidos até a fervura. Também praticavam a cremação de cadáveres e sabiam fabricar botes com uma armação de madeiras (varas) que revestiam com peles de animais. Começavam a polir as pedras, como o gume de seus machados, fabricavam bolas de pedras, com sulco para prendê-las a cordões; possuíam agulhas grosseiras de osso ou espinha de peixe e pequenas argolas de pedra (pequenos discos perfurados).

Todos êstes elementos ainda eram correntes entre os seus descendentes do extremo-sul (Terra do Fogo, Patagônia).

Ao longo da costa dos Estados sulinos brasileiros (Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro) têm-se encontrado possíveis testemunhos dos nossos mesolíticos nos curiosos sambaquis ou osteiros.

Êstes monumentos pré-históricos, tão discutidos, oferecem circunstâncias especiais que permitem dividi-los em dois grupos: antigos, realmente pré-históricos, e relativamente modernos.

Àqueles se pode sem muito favor atribuir paternidade mesolítica; senão de um modo absoluto, pelo menos dentro dos diferentes aspectos que em geral apresentam. Procurou-se relacioná-los com o homem da Lagoa Santa ou mais precisamente com Láguidos. Isto não parece certo, visto como artefatos nêles achados, alguns de pedra bem polida, não autorizam a relações tão simplistas. Adiante voltaremos a êste assunto, mas é interessante lembrar desde já uma nota de Serrano (2) a respeito da concordância da cultura revelada pelos achados dêstes sambaquis com certas do Peru e Califórnia, caminho dos mesolíticos que emigravam do Noroeste Americano na sua viagem para o sul.

Parece razoável, por outro lado, relacionar tais circunstâncias com os nossos Tremembés, cujos precursores teriam percorrido as costas do sul do Brasil a milênios antes do Chile, do Peru e Califórnia.

(2) Antônio Serrano.

Os Tremembés eram especialmente ictiófagos; tiravam do mar e dos estuários dos maiores rios da sua terra o melhor da sua alimentação. Os cronistas que dêles se ocuparam são unânimes em referir a sua perícia como pescadores marinhos. O peixe, inclusive enormes tubarões e as grandes tartarugas das nossas costas, substituíam o lôbo-marinho dos seus antepassados mais remotos. A proteína abundante dos pescados e bem assim as vitaminas justificam a descrição que da sua elevada estatura e forte compleição deram os mais antigos cronistas.

Outros importantes elementos da cultura tremembé vêm também em auxílio da origem mesolítica dêste povo, como veremos mais detalhadamente nos verbêtes desta **Onomástica** relacionados com o caso agora em aprêço.

* * *

6 — Em muitas regiões do Brasil foram os Láguidos que forneceram os mais numerosos elementos para o povoamento inicial pré-colombiano. Isto foi o que aconteceu em todo o Nordeste, mas, realmente, muito pouco contribuíram com a sua baixa cultura para o atual estado sócio-cultural dêste rincão do País. Outros povos primitivos, com menor contribuição demográfica, ao contrário, trouxeram os mais valiosos e expressivos elementos para a nossa civilização colonial. Queremos referir-nos aos Brasílidos, grupo étnico-cultural que teve a sua formação nas regiões noroestes da América do Sul e dali se irradiou para o leste e sul, vindo a dominar a quase totalidade das bacias do Amazonas e do Orenoco, grandes extensões da do Paraná e quase todo o litoral brasileiro. Fora dêste enorme âmbito estendeu tentáculos mais ou menos importantes que atingiram os territórios da República Argentina e do Uruguai, para o sul, e as Grandes e Pequenas Antilhas, ao norte. Tem-se como certo que representantes seus viveram no sul dos Estados Unidos da América do Norte.

Os Brasílidos e os Sudéstidos, aquêles quase exclusivamente sul-americanos, e êstes apenas norte-americanos, constituem os dois galhos em que, no solo do Nôvo Mundo, se dividiram as levas imigratórias e seus descendentes da 4.ª corrente de povoadores do nosso continente. Importantes padrões culturais os vinculam.

Esta gente, oriunda do sudeste asiático, trouxeram interessantes caracteres somáticos e culturais que muito contribuíram para o melhoramento da velha cultura aborígine da América. Braquióides de baixa estatura, extremamente dinâmica, foram portadores de uma cultura média com navegação, cerâmica e agricultura. Estavam pelo seu número elevado de invasores, seu dinamismo e inéditos elementos culturais em condições de implantar entre as populações paleolíticas do Continente a marca do seu progresso e dos seus principais caracteres físicos: braquicefalia acentuada e aparência francamente mongolóide. Foi isto que deu aos primeiros observadores dos habitantes da América a impressão de que todos pertenciam a uma mesma raça e um ar de família se notava por tôda parte.

Os protomalaios, gente de regiões intertropicais, procuraram na América, naturalmente, clima similar ao das suas origens. Encontraram-no na parte central, do sul do México à Colômbia, concentrando-se especialmente nas costas istmo-colombianas, donde realizaram sem demora uma profunda penetração continental, e alcançando, como já vimos, o atual território brasileiro.

Ao penetrar as planícies cisandinas, depois de atravessarem as cordilheiras setentrionais, já traziam certas tendências etno-somáticas que vieram a se definir, para constuir o tipo Brasílido.

Êste, naturalmente, estava não só de posse de todo aquêle acervo cultural de que os imigrantes asiáticos, seus predecessores, se beneficiavam, como também de uma série de aperfeiçoamento, e sobretudo de invenções que certas circunstâncias e as injunções mesológicas sugeriam e determinavam.

Os protomalaios, ao que parece, trouxeram, além dos elementos culturais referidos, mais os seguintes: crânios — troféus, pontes suspensas, construídas de cipós e cordas; zarabatana, os palafitos (casas sôbre estacada nas regiões alagadas), o hábito de mastigar betel, a coca americana, com cal, a flauta de Pã. Dentro de pouco tempo possuíam também o coqueiro e outros elementos de cultura sul-asiática e, sobretudo, a cultura da mandioca e o seu admirável aproveitamento.

Os Brasílidos, por sua vez, como não podia deixar de acontecer, se diferenciaram em algumas famílias etnoculturais que tomaram enormes proporções e experimentaram uma extraordinária difusão, sobretudo no Brasil; daí por que é o tipo étnico conhecido pelo nome acima. Estas grandes famílias são apenas as três seguintes:

Aruaque
Tupi-guarani
Caraíba-Peba

Mas, além dêstes grupos, de que apenas uma (Tupi-guarani) interessa ao objetivo do presente trabalho, os Brasílidos deram muitas outras famílias bem caracterizadas mas que não lograram a importância daquelas. As mais interessantes são assim arroladas:

a) Pano
b) Tucano
c) Cariri
d) Jibaro
e) Uitoto
f) Zaparo
g) Yuracaré
h) Tchapacura
i) Mosetene

Nesta relação sòmente a família Cariri ofereceu elementos importantes para esta **Onomástica**.

* * *

7 — Depois dos Tremembés, os invasores do território cearense foram os Cariris, que alcançaram o sul, ocupando o que agora se chama "Vale do Cariri" e suas imediações. Isto teria acontecido aproximadamente no espaço de tempo que decorre do 2.º ao 1.º milênio pretéritos, isto é, já na nossa Era.

Como esta gente de origem protomalaia conseguiu chegar às nossas plagas? Já algo dissemos sôbre a dispersão dos Brasílidos, importa apenas precisar um pouco o modo como êles, integrados pelos Cariris e Tupi-guaranis, jornadearam daquelas longínquas planícies do Noroeste Sul-Americano e vieram ter ao Ceará.

Ao que parece, dentre as primeiras levas destacadas daquela área de formação estaria a do povo que mais tarde se chamou de Cariri. No nosso entender fôra seguida pelos que constituem a família Caraíba, à qual se teria seguido a dos Tupis. (3)

Ao que parece, um importante enxame de Brasílidos bem cedo desgarrou-se do grupo principal e, a procura de terra onde pudesse com facilidade cultivar o solo, desceu por um ou mais dos afluentes do alto Amazonas, em algumas canoas monoxilas, aqui e ali estacionando para o reconhecimento de lugares que pudessem corresponder ao objetivo colimado. Tais lugares não seriam fàcilmente encontrados nas margens daqueles rios cobertos de portentosas e indomáveis florestas. Isto os teria levado, depois de muitos anos, ao baixo-Amazonas, naturalmente, deixando, em sítios menos desanimadores, grupos. Poderiam ter sucumbido no combate de sua adaptação nitiva. Impossível é fazer um juízo razoável do destino de tais grupos. Poderiam ter sucumbido no combate de sua adptação a tão estranhas e adversas condições, talvez subsistiram com nome diferente, ou mais tarde teriam sido destruídos ou absorvidos por concorrentes de outros mesmos Brasílidos, levas que continuariam a se destacar por motivos análogos.

(3) Deixamos de lado as pequenas famílias que não nos interessam.

Já nos últimos dêstes afluentes, certamente da margem esquerda, porque na outra, nestas alturas, a navegação não seria tão fácil, teriam ingressado, rumo ao sul.

Podemos admitir que o tenham feito pelo Araguaia e Tocantins que os teriam levado a regiões propícias aos seus desejos. Isto é, onde pudessem lavrar o solo segundo a sua técnica, sem os percalços opostos pela floresta indomável, as feras e as pragas próprias de um clima tão quente e tão úmido. Mas ao toparem com as primeiras cachoeiras novos e graves obstáculos se depararam. Fôra preciso substituir as suas grandes canoas por outras mais leves que pudessem ser transportadas por terra para a montante do rio. Mal esta dificuldade fôra vencida, outras bem mais graves se apresentaram com o encontro das populações láguidas do Planalto, por ali, já desde milênios estabelecidas. Conquanto não se pudessem fixar normalmente, às margens daqueles rios, conseguiram passar adiante mercê da sua superioridade cultural e das potencialidades energéticas herdadas dos seus antepassados Protomalaios que, embora com algum desgaste, ainda fôra suficiente para vencer os contratempos de então. Uma vez alcançadas as cabeceiras ou os afluentes superiores do rio Tocantins, onde pervagavam numerosas cabildas Gês, estariam os Cariris em face das vertentes ocidentais do rio S. Francisco. É possível que para se afastarem dêstes tenham descido pelos rios Grande e Prêto e pelo caudaloso São Francisco, a favor da correnteza até onde encontraram excelentes terras de lavoura, adequadas às suas técnicas agrícolas nos trechos nordeste e leste. Aí se estabeleceram definitivamente. Não há a menor dúvida sôbre que, se as cousas se passaram como vimos de expor com largas aproximações, os Cariris teriam chegado àquela região, onde encontraram bons meios de fixação, com a sua estrutura social relativamente sólida; não obstante das mais variadas vicissitudes de tão longa e demorada derrota, conseguiram vencer tão duras peripécias, sem quebrar a sua unidade tanto no setor étnico-social como cultural. O êxito do estabelecimento se deve, principalmente, às suas qualidades de excelentes canoeiros,

como já fôra provado ao longo do Tocantins, que faltam aos láguidos, e graças às quais se abroquelavam nas ilhas e costas desertas, sem nenhum risco. E donde poderiam auferir das matas ribeirinhas os recursos exigidos por suas necessidades orgânicas. Lembra-se que o trecho do rio São Francisco por êles ocupado tem numerosas e excelentes ilhas (Grande, do Junco, Cachoeira, Pontal, da Missão, Inhamuns, Santa Maria, S. Félix, Aracapá, da Assunção, da Vargem, do Sítio e muitas outras). Ali, a mata não oferece a grandeza do que cria o Amazonas; o solo aluvional é rico, bom de trabalhar à moda selvagem, o rio muito piscoso e nas lagoas marginais a caça era abundante e fácil. Conseguiram os Cariris fixar-se nesses longos trechos do S. Francisco e depois de adaptados começou a sua dispersão relativamente discreta, para o sul, porém principalmente orientou-se para o norte. Dentro de alguns anos ocupavam vastas áreas na serra da Borborema e suas imediações e o vale fresco e feraz do Cariri no Ceará, bem como nas adjacências, as melhores terras do rio Salgado e Cariús, as baixadas da serra do Araripe e alhures outros rincões ajustáveis às suas atividades agrícolas na área dos atuais Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, mais ou menos afastados do rio São Francisco.

Estas diversas áreas senhoreadas pelos Cariris, oriundos do São Francisco, criaram grupos sociais mais ou menos isolados, dando lugar à formação de algumas subfamílias, principalmente diferenciadas no campo lingüístico em vista da tendência para a formação de dialetos e breves modificações em outros domínios da cultura, tudo em face das contingências mesológicas. Vê-se como os Cariris, vindos de tão longe, chegaram a ocupar interessantes tratos do Ceará. Veremos nos verbêtes a êles dedicados na **Onomástica** as particularidades da sua cultura e a extensão da sua influência neste domínio geográfico (toponímico, sobretudo).

* * *

8 — A outra família de Brasílidos que contribuiu para a nossa onomástica selvagem foi a dos Tupi-guaranis. Êste

enorme agrupamento sócio-cultural, em virtude, não sòmente das suas proporções como da sua situação ao longo de quase todo o litoral brasileiro durante a colonização portuguêsa, da sua cultura material e do adiantado ajustamento à terra, foi o que maior número de elementos léxicos forneceu ao falar colonial e atual do Brasil, inclusive do Ceará.

Os Tupis-guaranis constituem a segunda grande família línguocultural do tipo étnico conhecido por Brasílido um dos dois em que se dividiu a quinta corrente de protomalaios invasores da América. Da área de formação dos Brasílidos nas planícies do sudoeste cisandino, situada principalmente no território colombiano, destacou-se uma série de enxames que não longe dali pôde estruturar-se socialmente, produzindo esta importante família portadora de uma notável cultura neolítica, seguramente só superada pela família Aruaque.

A área de dispersão da família está hoje bem conhecida não obstante a sua considerável extensão. É interessante notar as tendências migratórias dêste povo e a rapidez com que se deslocava. Da parte ocidental da bacia do Amazonas, desceram os Tupis o curso do Maranhão ou Solimões (alto-Amazonas) até alcançarem o oceano Atlântico. Algumas levas apenas voltaram-se para o norte, indo às Guianas, certamente já em grande parte ocupadas por família Caraíba, produto de enxames anteriores. O grosso dos tupis desceu pelos afluentes meridionais do grande rio e das suas cabeceiras passaram para as dos rios Paraguai e Paraná, por êles descendo até as regiões platinas das atuais Repúblicas da Argentina, Paraguai e Uruguai. Alcançando adiante a costa do Atlântico e por aí derivaram para o norte, senhoreando-se de quase tôda, desde o Rio Grande do Sul ao Pará. Estas migrações litorâneas eram relativamente recentes e se faziam com certa dificuldade porque importava na expulsão de elementos das correntes anteriores (Láguidos e provàvelmente mesolíticos). Para o oeste do continente, além do rio Paraguai, a expansão tupi determinou a ocupação de alguns tratos do território boliviano.

Ao tempo do início da colonização portuguêsa no Nordeste, os Tupis se achavam ainda numa fase de expansão territorial; ocupavam sobretudo a região ao norte de Pernambuco. No que se refere ao território cearense ao tempo do descobrimento do Brasil ou muito provàvelmente poucos lustros antes, chegavam à serra da Ibiapaba, ao norte do Estado, limites com o do Piauí, levas da nação Tabajara ou Tobajara, provenientes, o que parece bem provável, de uma serra chamada Rariguaçu, nas vizinhanças do rio São Francisco, com poucas dúvidas situada no divisor das águas dêste rio com as do rio Parnaíba. Atravessaram os sertões agrestes do Piauí e se instalaram nos melhores sítios da nossa montanha, onde prosperaram em pouco tempo.

Outra nação de tupis, conhecida por Potiguara ou Petiguara ou ainda Pitiguira, no comêço da colonização portuguêsa do Nordeste expandia-se para o norte do Brasil avançando pela costa; aqui e ali, onde as condições mesológicas lhes pareciam propícias, deixando agrupamentos mais ou menos importantes, que se iam fixando definitivamente. Nesta derrota, os Potiguaras tinham alcançado o território cearense um pouco além (oeste) do rio Jaguaribe, tendo já chegado às férteis terras dos sopés da serra de Maranguape, quando foram surpreendidos pela primeira expedição exploradora de Pêro Coelho de Sousa (1603). Esta entrada perturbou consideràvelmente a migração tupi, levou os Potiguaras a avançar para o norte onde eventualmente perambulavam, ao que parece, até o estuário do Camocim, em terras então ainda senhoreadas pelos Tremembés.

Os tupis do Ceará, Tobajaras e Potiguaras, não só influíram na cultura primitiva colonial cearense de modo muito evidente, como também substancialmente na toponímia e nomenclatura cultural daquela época, pelo fato de serem êles guias e mentores dos expedicionários e colonizadores dêstes rincões.

Nos diferentes verbêtes da **Onomástica** relacionados com êstes tupis, trataremos da sua contribuição ao falar cearense colonial e atual.

* * *

9 — Alguns grupos indígenas dos sertões cearenses não puderam ser identificados não obstante os esforços que nisto empenhamos. Entre outros, os mais interessantes são os conhecidos por **Anasé, Wanasé,** ou **Guanasé, Asimi,** no norte do Ceará, **Apuiaré** no centro, **Acosi, Chibata** etc., no sul. Provàvelmente, cabildas **Gês** do Piauí teriam perambulado pelo nosso território; também tribos **Caraíbas** daquele Estado poderiam ter excursionado pelo oeste dêste, porventura, uns e outros provàvelmente teriam aqui deixado vestígios de sua passagem ou eventual estada. É bem difícil, se realmente foi assim, ajuizar quanto à natureza de tais pistas, mas, sem dúvida, natural é supor que foram topônimos, nomes tapuias fixados em acidentes geográficos ou de natureza biogeográfica. De qualquer modo, porém, teriam sido poucos e se deturpavam, sendo quase certo que nenhum possa ser devidamente restaurado.

* * *

10 — Devemos admitir que todos os grupos étnicos que habitaram durante séculos, ou mesmo milênios, o território cearense aqui deixaram sob a forma, principalmente de topônimos, a marca mais ou menos indelével de sua estadia. É possível que de alguns já nada possamos saber, pois nem seus próprios nomes conhecemos. De outros, as contribuições teriam sido reduzidas, como é o caso dos Tarairiús (Láguidos) e dos Tremembés (Nordéstidos). Mas, dos grupos de origem brasílida (Tupi e Cariris) contamos com um enorme acervo de bons elementos.

Não foi sòmente no setor dos "nomes de lugares" que herdamos contributos culturais dos nossos extintos indígenas. Êles, em geral, mas especialmente os últimos referidos, nos legaram importantes complexos etnográficos, além do campo lexicográfico (topônimos, etnônimos, mitônimos, biônimos

etc.) legados que muito contribuíram para o ajustamento dos colonizadores europeus às nossas terras, e continuam ainda apreciàvelmente úteis. Verifica-se que a importância da herança cultural indígena é proporcional ao grau da civilização do grupo outorgante. A maior, mais variada e rica devemos como já vimos às tribos Tupis-guaranis, que aqui chegaram trazendo uma interessante cultura neolítica, de que ainda em parte nos servimos. Isto aconteceu embora tenha sido êste povo o que menos permanecera em nossa terra, nos tempos pré-históricos. Seguem-se-lhe em valor desta espécie, sucessivamente, os Tremembés (mesolíticos já com muitos empréstimos culturais de várias origens), e os Tarairiús que, afora de uma pobre contribuição lexicográfica, quase nada nos proporcionaram no campo etnográfico. A riqueza de herança brasílida proveio não só do seu relativamente adiantado estado social, mas também do fato importante de sua convivência histórica durante todo o período colonial, o principal da nossa formação brasileira. Os outros indígenas, ao contrário, tiveram um tempo bastante curto em contacto com os colonizadores europeus e suas respectivas participações nos fatos históricos foram breves. É verdade que os Láguidos também prestaram mais ou menos demorada e útil assistência à colonização do Ceará, mas, a sua cultura, quase inteiramente coletiva no campo econômico, sòmente pôde oferecer uma ajuda de trabalho braçal nas atividades agropecuárias ou no recesso doméstico como serviçais. Os Tremembés, conquanto num estágio sociocultural mais avançado, pelas suas limitações demográficas e de espaço geográfico pouco teriam de oferecer. Todavia, não foi completamente nula essa contribuição. No setor da pesca marinha o colono teve algo qu aprender.

* * *

11 — Por tôda parte, em geral, os mais antigos nomes de lugares perderam a sua significação original. Entre nós, isto é quase inteiramente certo no que se refere aos topônimos

indígenas, e muito comum ainda quanto a alguns de origem portuguêsa. Para êstes, as significações de muitos é privilégio dos especialistas em história. Poucas pessoas sabem o que significa Crato, Sobral, Arneirós, Barbalha, Russas etc., e não menos, embora conheçam a específica significação do nome, nada poderiam dizer sôbre o porque se aplica a êste ou àquele lugar ou ocidente geográfico. O problema semantológico dos nomes indígenas é dos mais árduos da nossa geografia histórica. Os acidentes físicos e os lugares foram batizados de acôrdo com o idioma falado na região no momento em que despertaram interêsse, quando um nome lhes foi aplicado, e desde então êsse nome entrou num natural processo de alteração fônica. Mas, diversas e bem extensas zonas do nosso território foram habitadas por povos diferentes, com linguagem própria. Cada vez que um tal fato ocorria, o acidente ou localidade, quando não tinha a sua denominação substituída inteiramente por expressão nova, experimentava dentro de pouco tempo profunda alteração estrutural. Não é difícil mostrar alguns exemplos, sobretudo na zona litorânea. A atual serra da Uruburetama chamava-se ao tempo dos Tremembés de **Uxububu**, expressão que, mal ouvida, foi algumas vêzes deturpada em **Vaca Boba** pelo explorador eventual, **desvenido**. No comêço do século XVII, os índios tupis da expedição de Pêro Coelho (1603) ou da seguinte (1607), dos jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, lhe aplicaram o nome de Uruburetama, que quer dizer em sua língua "terra dos urubus". Com a colonização portuguêsa persistiu essa designação, muitas vêzes alterada em serra da Buretama. Após a independência do Brasil, as expressões tupis experimentaram um certo interêsse de fundo nacionalista, tentando restaurá-las corretamente; fixou-se então o topônimo atual. **Catifim** era o nome que os índios tremembés davam ao rio Acaraú; substituídos pelos tupis, o rio mudou de nome, passando a se chamar Acaracu, que prevaleceu durante o período colonial. No segundo Império, por influência nacionalista, ocorreu uma breve alteração que fixou a expressão ao topônimo atual de **Acaraú**.

* * *

12 — Não é muito o que conhecemos sôbre a pré-história do Ceará. A respeito das populações que primitivamente ocuparam a região, tanto sob o ponto de vista da sua raciologia como da sua cultura, a documentação é vasta mas muito deixa a desejar. Estamos certo de que a **Onomástica Indígena** poderá contribuir com algumas réstias de luz para esclarecer nesse setor certos recantos obscuros daqueles tempos.

São bem conhecidos os resultados alcançados pelos estudos toponímicos e antroponímicos na psicologia, na antiga história e no setor social dos habitantes de vastas regiões européias. Mas é, sem dúvida, para o campo das velhas línguas desaparecidas dêstes rincões, que a **Onomástica** poderá carrear a maior e melhor ajuda. O tanto que o possa fazer, não poderá ser o de se esperar dêste ensaio, que, como pioneiro, lavrando terreno virgem e selvagem, consumiu no desbravamento o melhor das suas energias. Mas, já nos consola o ter aberto a clareira por onde outros mais afortunados possam colhêr com menos canseiras frutos mais valiosos.